

ARTE E LIBERDADE - NOTA INTRODUTÓRIA

...«a contemplação (reflexão) é a primeira relação liberal do ser humano com o universo que o rodeia.»

(Friedrich Schiller)

A *Rhinocervs - Cinema, Dança, Música, Teatro* é um periódico científico do Instituto Politécnico de Lisboa, especialmente dedicado às áreas artísticas e científicas do cinema, dança, música e teatro. A publicação do nº. 2 reafirma não só o compromisso das escolas de arte do IPL na produção e divulgação de investigação e prática artística relevantes nas áreas indicadas, em particular, obedecendo, porém, a um princípio extenso de entendimento das artes e das suas relações, em geral, mas sobretudo à pretensão de intervenção e pertença a um contexto alargado de investigação e prática artísticas, a nível nacional e internacional.

Seguindo o princípio editorial de uma orientação temática, no ano em que se comemoram os cinquenta anos da Revolução do 25 de abril de 1974 que devolveu a Democracia a Portugal e, entre muitas alterações, acabou com a censura prévia, esta *Rhinocervs* propôs a receção e publicação de ensaios em que se pensa a relação entre arte e liberdade. Sendo um tema inúmeras vezes revisitado, a repetição não é, neste caso, sinónima de esgotamento tópico, mas de ênfase no aspeto fundamental do gesto artístico, como sendo não apenas livre, mas expressão da própria liberdade. Neste sentido, falar de arte implica necessariamente falar de liberdade e falar de liberdade não pode senão invocar o fazer artístico como paradigmático, coincidente e conducente a uma independência e autonomia deliberativas.

A condição acima descrita não decorre, todavia, da circunstância comum de serem muitas vezes os artistas os agentes de uma consciência política que denuncia contextos de supressão da liberdade, reclamando justamente para a criação e para os produtos artísticos a emergência da mudança e da diferença, a atitude de rutura, a interrogação do *status quo*, o impulso para a dissensão, a recusa da explicação simples e plácida, o apelo à mobilização comunitária. Sendo

certamente determinantes, não são estes os aspetos que sinalizam a profunda ligação umbilical entre arte e liberdade. O gesto artístico é fundamentalmente livre porque nasce de um momento em que o ser humano transcende a *necessidade*, ou percebe que pode libertar-se da necessidade, quer dizer, do que não pode abdicar ser ou fazer, seja por imposição da natureza, seja por força de circunstâncias contingentes, sociais, políticas, culturais, etc. Esse momento não é essencialmente histórico e civilizacional, é contemporâneo do impulso artístico tanto no seu gesto de criação, como no seu gesto de receção. Fazer arte e consumir arte são ações que poderiam não realizar-se e, no entanto, é exatamente por isso que são fulcrais. Porquê? Porque evidenciam o ser humano num exercício que exhibe os predicados cruciais da sua humanidade, a saber, a independência por oposição à subordinação, a autonomia por oposição à heteronomia, a não instrumentalização por oposição à despersonalização tecnocrática e parametrização utilitária.

Recorrendo às palavras dos próprios autores, os artigos que abaixo se apresentam dão expressão ao significado da relação entre arte e liberdade.

Em *Arte e Liberdade: as armas e o povo – algumas tendências no cinema (... e não só)*, Mónica Baptista «visa apelar para a relação entre a arte e a liberdade, uma relação complexa, nem sempre fácil, sobretudo em tempos de ditadura», recorrendo a exemplos do cinema.

Em *Publique-se o que os empresários censuraram: O Bezerro de Ouro*, Guilherme Filipe assinala «a importância da liberdade como direito natural e sua conexão com a arte e a formação da opinião pública». O autor «discute a relação entre direito, moral e justiça por meio de referências à escrita de dramaturgos que não foram levadas a palco».

Em *A “Liberdade” no Film Noir: a Femme Fatale como símbolo da libertação feminina no cinema*, Abigail Fragoso estuda a figura da *femme fatale* no *film noir* americano, dos anos 40 e 50 do século XX, em particular «o modo como esta personagem típica se tornou, numa época de restrições e censura, num símbolo da liberdade feminina».

Em *Réquiem por la muerte de Miguel Hernández de José Antonio Cáceres: una obra de poesía cinética en el final del franquismo*, David Pavo Cuadrado atenta na poesia cinética e experimental de José Antonio Cáceres e da sua relação temática com «a situação sociopolítica do final do franquismo» e com a sua relação estética «com a vanguarda universal da poesia visual».

Em *A theoretical exploration departing from the performance Delayed movements for an obstinate joy*, Inês Zinho Pinheiro e Massimo Millela refletem sobre a prática que os autores desenvolveram a partir da performance *Delayed Movements for an Obstinate Joy* (2023), através de uma metodologia a que Inês Zinho deu o nome de ‘dancepting’. Os autores desenvolvem três questões chave a partir dessa prática: «Como se imagina uma escolha?»; «Como se concretiza uma coisa intangível?»; «como se pratica em conjunto?».

Em *Nothing from nothing*, David Swartz explora a potência criativa e libertadora de ‘will’ e ‘nothing’ na obra de Shakespeare, Pessoa e Dryden, e relaciona a sua interpretação com o filme *Nothing* (2023), de que é realizador e argumentista.

Cada um dos artigos acima descritos tem um entendimento localizado da relação entre arte e liberdade, recorrendo, como não poderia deixar de ser, à análise e comentário de exemplos que, no entender da autora ou do autor, permitem dar visibilidade ao tema. Os autores centram-se, por conseguinte, na descrição de um aspeto ou conjunto de aspetos considerados paradigmáticos, à luz do tema proposto. Num sentido muito imediato, a arte é livre porque se recusa a aceitar o mundo tal como ele se apresenta ou nos é apresentado. A arte cria uma resistência.

Em síntese e de um modo geral, o fundamento de liberdade no gesto artístico e criativo assenta em três aspetos que se sobrepõem à particularidade tópica de cada objeto ou cada ato artístico: a independência de propósito ou fim para lá do da realização da ação ou objeto em consideração; a autonomia expressiva e identitária das ações realizadas e objetos resultantes; o impulso de transcendência de limitações contextuais, numa pretensão de universalidade.

Fica um apelo à divulgação da *Rhinocervs - Cinema, Dança, Música, Teatro* e, sobretudo, um convite à colaboração com a mesma com artigos que a possam enriquecer e valorizar.

David Antunes